

duas encenações se transformaram em vários quadros – com críticas claras e abertas, como nos antigos teatros de Revista, com seus números artísticos rápidos e seus discursos diretos para a plateia, traziam com bom humor as mazelas sociais de seu tempo. As duas montagens do *Cabaré da Santa* ilustraram as diferenças e semelhanças entre esses dois povos e seus humores. Também no texto dramaturgico é possível perceber essas diferenças nas escritas, ora mais abraileiradas, ora mais aporuguesadas, mas sempre com a mesma crítica feroz, que revira o passado para condenar despidoradamente as injustiças do presente.

A primeira montagem foi realizada no Brasil, no Galpão do *Folias*, onde era comum nos ensaios a presença de Reinaldo Maia sentado na plateia, divertindo-se muito. Maia faleceu no ano seguinte, em 2009. De lá para cá, companheiro Maia, muita coisa se transformou aqui em terras brasileiras, coisas que fariam você ficar terrivelmente irritado, e escrever muitos outros Cabarés! Mas aquele que você escreveu com o Jorge continua sendo muito bem-vindo nestes tempos atuais... O riso e o deboche continuam sendo formas eficazes, e talvez únicas, de se enfrentar um poder autoritário e corrupto.

CABARÉ DA SANTA – O TEXTO

PERSONAGENS

MENDES

MARIA ISABEL, A MARIQUINHAS

BENTO TEIXEIRA

JUSSARA

RAFAELA

TRANCOSO, ALIÁS EL-REY D. JOÃO

LEOPOLDINA

SANTA CECÍLIA

CENA I

Um velho cabaré decadente. Ouvem-se os risos e cantorias das meninas lá dentro. As luzes apagam subitamente, com um estoiro. Entra Mendes com uma lanterna. Bailarinas apressadas colocam velas acesas nas mesas.

MENDES - *(Sempre sorrindo.)* Bem-vindos ao Cabaré da Santa, para a estreia do novo show, um grande sucesso, dentro e fora! Preparado especialmente para as comemorações que se avizinham, hoje assistirão a uma série de

comerem dos nossos corpos... Se está tudo misturado é porque...

MENDES - ...Aqui é o Ó da História, o fundo do poço... E essa verdade histórica vem é do fundo do copo mesmo! (*Tira-lhe a bebida e oferece a algum espectador.*) Você prometeu que ia deixar de beber quando houvesse clientes!

ISABEL - Cale-se! Você não leu os manuscritos do mar morto? A mulher é a única verdade histórica, e seu ventre é uma taça milagrosa! Por isso nós estamos aqui, e eu ergo essa taça a Santa Cecília, nossa padroeira, ela que continuou cantando enquanto o carrasco a decepava com golpes de machado... É isso que eu estou dizendo! E você não vai me calar nem que desfira seus golpes mais poderosos. Que você não tem mais, aliás. E eu vou provar isso, aqui e agora!... Está toda a gente servida e de copo na mão, não? Vamos começar! Deixe de bobagens, Mendes, e abra espaço para as meninas. É que temos de brindar! À nossa!

MENDES - As meninas não! Tem alterações a fazer no roteiro! Eles podem chegar a qualquer momento! Eu escrevi versos novos, mais alegres.

ISABEL - Eles?

MENDES - Sim, eles.

ISABEL - Mas eles, quem?

MENDES - Vamos esperar por eles. O número não está pronto! Primeiro eu tenho de explicar ao público presente...

ISABEL - Mas quem são eles?

MENDES - Você sabe. (*Entre-dentes.*) Os investidores.

ISABEL - (*Caindo a ficha.*) Ah!... Você convidou eles hoje?

MENDES - Sim.

ISABEL - De Portugal! Chegam hoje! E eu assim!

Continuam a discutir, enquanto o canto das meninas se sobrepõe às vozes deles.

CORO DAS MENINAS (*Cantam "Depois do Leilão".*)

A casa da Mariquinhas
Já nada tem que a destaque
As discretas tabuínhas
São dum velho bricabraque

Em prol da urbanização
E d'outras leis cidadinas
Inventaram-se as ruínas,
Impôs-se a demolição.
Lá foram no turbilhão
Muitas relíquias velhinhas,
Porém, as fúrias daninhas
Das inovações em suma,
Por "salvação", ficou uma:
"A casa da Mariquinhas"

No célebre primeiro andar
Que a Mariquinhas deixou
Nem uma placa ficou
Do seu nome a assinalar.
Abertas de par em par
As janelas, são mesquinhas,
Até as próprias vizinhas
Confessam com amargor
Que falavam mais de amor
As discretas tabuínhas.

(Um foco ilumina MENDES.)

MENDES - Eu escrevi versos novos! (*Tentando salvar a situação, para o público:*)
Esta casa, tão tradicional, foi fundada por Conde Coligny, antigo cabaretier
francês, obrigado a fugir para o Brasil, que ele conhecia como o "Éden dos

Nem os xailes à fadista.
O Perdigão penhorista,
Um velho de côco e fraque
Diz que tudo esteve a saque,
Que só 'spartilhos e ligas
Porque eram coisas antigas
São dum velho bricabraque

MENDES - Toda essa agitação de hoje não é sem motivo. Em honra dos velhos tempos e das tradições de outrora, além do show temos ainda programado um pequeno concurso para entreter os nossos investidores esta noite. Vamos eleger, entre as bailarinas, a rainha do cabaret, que ganhará o direito a ser sorteada pela comitiva de fraternos lusitanos que está chegando para o estudo e comprovação do mito de Eldorado. A felizarda levará depois o português para uma clássica garçonnière, ao melhor estilo carioca. É o pacote completo do amor tropical. (*Canta.*)

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá
Situada no mundo da lua
A 38º graus à sombra.
Minha terra tem mulheres
Vida feliz e nômade, sem lar
Uma alegre feição de eterno piquenique.
Aqui
Vive-se feliz, sem lei, sem rei nem rock
Como única riqueza uma flecha e um bodoque.
Aqui todos mandam e ninguém obedece.
Cada um cava por si e Deus por todos.
O bocado não é para quem o faz,
É para quem o come.
Quem tem vergonha morre de fome.
O futuro a Deus pertence,
No Eldorado sonhado do Homem.

ISABEL - Mas Mendes!... Que história é essa?!

MENDES - Mulher ignara! É a nossa história!

ISABEL - Isso até parece nome de furacão! Eldorado?...

MENDES - Só de ouvir fica logo sabendo o que é! Toda a gente sabe o que é, aliás! Só você não entende nada depois fica me criticando... Ainda fica falando de história com agá... Pergunta às senhoras do público, se não sabes!

ISABEL - Não tem senhoras no... Alguém do público sabe? Meninas? É uma grife?...

MENDES - Vamos voltar ao número. E um, e dois, e...

ISABEL - Na cave?

JUSSARA - Isso tudo me parece demasiado desconexo. Eu acho que você está se referindo ao significado oculto –

MENDES - (*Interrompendo.*) Que nada! Desconexo é o mundo em que nós vivemos! E um, e –

JUSSARA - Eu contesto! Se você observar bem, há sempre, ao longo dos tempos, uma razão oculta nos desígnios da humanidade, e a nós cabe saber encontrá-la nas confluências da história, quando –

MENDES - (*Interrompendo.*) Exactamente! E nós precisamos aproveitar este momento... da confluência... entre nós e os portugueses...

JUSSARA - Mas o Eldorado não é real, é um mito, ele apenas simboliza nossa busca –

MENDES - E com as comemorações oficiais, estamos buscando um bom subsídio. É dessa confluência que estou falando. Vamos ver no final se tudo isto não tem uma ordem! Mas por enquanto, a desordem. Isso é o que nós temos para vender aqui no Cabaré. Pois quem quer ser todo ordenado, quando pode ter uma pitada de desordem também?! (*canta.*)

Minha terra tem palmeiras

Minha terra tem mulheres

AS MENINAS (*cantam.*)

É numa rua bizarra
A casa da Mariquinhas
Tem na sala uma guitarra
E janelas com tabuinhas

ISABEL E MENDES (*cantam.*)

Quem tem vergonha morre de fome.
O futuro a Deus pertence,
No Eldorado sonhado do Homem.

(*Toca uma sineta.*)

MENDES - São eles! Viva Portugal! Viva! (*Entra Bento Teixeira. Desilusão geral.*) Mas é você de novo, Bento? Eu ainda não lhe posso pagar o dinheiro que me emprestou... e hoje você não pode ser visto aqui! Estamos nos preparando para receber uma comitiva de Portugal que traz representantes da coroa, da nobreza e do clero!

BENTO - Pois precisamente! Mal soube vim a correr.

ISABEL - Do povo não vem ninguém?

MENDES - Lá não tem povo: é um país desenvolvido.

JUSSARA - O povo veio para cá faz tempo, clientela ruim...

BENTO - Eu não sou do povo, Jussara.

MENDES - Bento, escute, a comitiva tem a bênção papal! Dizem até que vem um representante oficial do Vaticano, incógnito...

BENTO - Bem sei. Estou à espera disso há mais de quinhentos anos!!

JUSSARA - Comitiva de nobres e seminaristas... Mais cabritos para o

A mentira diz amém
A verdade quando atira
O cartucho vai e vem
A verdade é que no bucho
De toda mentira
Verdade tem.

MENDES - Por isso mesmo! Pode ser que essa história de Sexto Império, de Eldorado, de Lusofonia, seja verdade.

JUSSARA - Ainda se fosse lusofolias...

ISABEL - (*Entrando.*) A única verdade que vejo na mentira é que isto é um bordel e não uma academia! Embora tenha caloiros, muitos doutores, aulas, borlas, e capelos.

BENTO - Não brinque com os meus sentimentos, Mendes!

MENDES - Calma, Bento, calma. O melhor, Bento, é o seguinte: nós estamos a meio de uma apresentação. Você vai com Jussara se esconder, e eu tento sacar a verdade. Aí você entra. Para tentar repô-la. Jussara, minha filha, leva seu Bento para tomar um refresco. (*Saem. Mendes prepara-se para dirigir a palavra à plateia, quando Isabel interrompe.*)

ISABEL - Fui verificar e de meninas só temos a Jussara. O resto é macho mesmo. Acha que eles vão gostar? Não é o verdadeiro Eldorado...

MENDES - Ah, você tem mesmo vistas curtas. Isso não tem a mínima importância.

ISABEL - O quê?

MENDES - Esqueça o sexo deles e delas. Sexo tem muita concorrência, precisamos diversificar.

ISABEL - E isto vai virar o quê? Nós não sabemos fazer mais nada! Foi você que dispensou as meninas e manteve os travecas apenas.

MENDES - Eles levam mais barato e nós estamos sem dinheiro, Isabel. Por isso eu insisto, temos de mudar o branding.

ISABEL - Que mal tem este brandy?

MENDES - Branding! Temos de mudar a imagem de marca.

ISABEL - Ah...

MENDES - Ninguém mais quer vir ao Cabaré, desde que esse sindicato se organizou... não dá para pagar segurança social, décimo terceiro, subsídio de férias... Vão levar na passarinha!! Os credores batem à porta, e nós temos que arranjar dinheiro. O Fundo das Mulheres Internacionais – o FMI dos cabarés está a nos caçar. Já espalhei pela cidade inteira que a comitiva de portugueses, com a bênção papal, estará aqui. Espero criar alguma clientela com isso. Afinal, vamos ser o centro de atracção da comitiva oficial. Mas se gasto tudo no salário das meninas...

ISABEL - O centro da atracção internacional? Isso é pecado e nojento, Mendes. Enganar assim os pobres portugueses...

MENDES - Depois de experimentar, vão gostar. E ademais, sexo pelo sexo não dá — é preciso que tenha sexo pensando na história, tem de pensar que você é um rei ou uma rainha, que está comendo uma nação, ou a bolsa de Nova Iorque, ou a história do Brasil e de Portugal. Que interessa o cu, a cona ou o caralho? Interessa o que eles significam!! Sexo cultural, tá ligada? Tem turismo cultural, não tem? E tem turismo sexual também, não é certo? Nós vendemos sexo cultural.

ISABEL - O Ó da história... o cálice da verdade... o tronco da sabedoria... Tal como eu sonhara... Como você pensou nisso?

MENDES - Eu conheci essa Rafaela, uma personagem, você vai ver. Ela me deu muitas ideias de negócio, algumas utópicas, outras nem tanto.

ISABEL - Uma personagem?... Não é de verdade?

financiado em curtíssimos 36 meses... (*Canta "Canção do Exílio" de Gonçalves Dias.*)

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá:
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas tem mais flores,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.
Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

Não permita Deus que eu morra;
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o sabiá.

SANTA - Senhora Rafaela...

RAFAELA - Pois não, quer fazer uma reserva?

SANTA - Uma intimação. Mas não se assuste. A senhora obteve benção papal e subsídio estatal para essa sua aventura ao Novo Mundo, não foi? Pois bem, está tudo nos conformes com o seu processo, a papelada e tal...

Um Trancoso no coração.

Foder uma ou duas moças
É pecado capital.
Trancadas em mais que muitas
É virtude nacional.

Dizem que Gengis Khan
Teve mais filhos que Adão.
Isso nem se compara
ao abade fodilhão.

Nunca pecou por deixar
A semente cair no chão.

Khan povoar a Mongólia
É pouco mais que adultério.
O Abade de Trancoso,
Esse, fez o quinto império!

Entram Trancoso e Leopoldina.

LEOPOLDINA - *(Entregando um cinto de castidade a RAFAELA.)* Eu não vou tomar conta desse abade fodilhão!

RAFAELA - Mas querida, já te disse, tu só tens de alternar! Dás duas de treta, uns pézinhos de dança, e fá-los pagar a champanhota! O resto... é contigo.

LEOPOLDINA - Mas chegando lá, estou de férias! Também sou gente.

RAFAELA - Olha que este é peixe graúdo... *(Para TRANCOSO.)* Desculpe o mau jeito...

TRANCOSO - Chega mais perto, para te ver melhor...

RAFAELA - Pai!...

corretos, há que se mostrar consideração com nossos irmãos emergentes. Compreensão não é comiseração. Afinal, não se tem prazer nem lucro sendo só bom irmão. Cantemos, essa nova canção:

América, América,
Como aves de arribação
Estamos chegando
Trazendo a todos novas ilusões.
América, América,
Sonhos e sonhos
Esperanças mil
De entrar no restrito
Círculo rico
Da congregação do norte.

América, América,
Gigante adormecido
Do sol de todos os dias
Do mar azul cor de anil
Da rede no coqueiro
Da mulata lisonjeira
Das mudas de bananeiras.
Cá estamos nós
A caminho do adorado
Eldorado tropical.

RAFAELA - *(continua)* O conforto de um transatlântico singrando as verdes águas do Atlântico. Isto é o progresso. Passado quinhentos anos, seguimos a mesma rota daqueles que em naus primitivas, deixaram para trás família e tradição, para descobrir um Novo Mundo. Refazemos a trajetória para contar uma nova e mesma história. Os tempos são outros, outros são os negócios. “Negócio & Prazer, o lucro com satisfação”. Assim muita felação, para expandir o mercado e garantir a dominação.

Os passageiros desembarcam com suas bagagens.

CORO Sede bem-vindos
 Caros irmãos

Nesta terra da promessa
Deixem suas culpas
Lá trás.
Venham junto a nós
Festejar!
O Eldorado os espera
Para ser descoberto
E gozado.
Novos negócios se concretizarão
Sem culpa e desculpas
Pra se fazer.
Abaixem as calças
Vamos brincar
De papi e mami
Sem cansar.
Nos conhecer
Sem ofender.
O Eldorado os espera
Para ser descoberto
E gozado.

No Cabaré da Santa.

MENDES - Sejam bem vindos! Sintam-se em casa! Aqui nada vos faltará, bebidas para relaxar, comidas para saborear, mulheres para acompanhar!... e, para não dizer que não trabalhamos, nos intervalos teremos... negócios! Entre uma caipirinha e uma nativa tudo é permitido desde que tenham os euros para gastar, não é?... Se quiserem privilégios já sabem, uma comissão terão que pagar!... Para isso basta ter esse dinheiro de brincar, essas fichinhas, como no monopólio! Estão à venda na entrada, podem pegar, façam favor. Afinal, essa é uma ilustre tradição trazida do velho continente, em tempos menos emergentes, pelos nossos queridos colonizadores e que aqui recordamos com saudade. Ah, as minhas pálpebras lutam para não deixar o choro envergonhar meus olhos nessa hora de recordação. Façamos o tempo voltar para trás, aqui, hoje, agora!! O Eldorado em suas mãos, vendido em módicas prestações, apenas com ínfimo lucro, certo, a perder de vista, destinado a investimento público nacional! Acomodem-se, o

show já começou!

JUSSARA e TRANCOSO, *encantados um com o outro.*

JUSSARA - Venha ver a paisagem. Olha que coisa mais bela, mais selvagem... mais... ulálá, que potência...

TRANCOSO - Querida irmã, não devemos negar a outrem aquilo que deus nos deu com tanta generosidade. Vivemos uma época de expansão da nossa lusofonia...

JUSSARA - Nem me diga... não sou eu que vou dizer que não. Mas antes, querido irmão, quais são suas reais intenções?

TRANCOSO - Ampliar os horizontes, estabelecer novas relações...

JUSSARA - Você vai me levar para a Europa?!... Me leve... olhe o que eu sei fazer!

TRANCOSO - Ah!... introduzir nos nativos os novos conceitos da modernização!

JUSSARA - Não sei porque não me parece estranha essa sua cantilena.

TRANCOSO - Provavelmente já cá chegou a fama das trancadas que o Trancoso dá... e você não hesita. Cuidado minha querida... não tem um lugar mais reservado?

JUSSARA - Creio mesmo já ter pego nesta vela benta, mesmo que em modelo nacional.

TRANCOSO - Esta vela está derretendo nas suas mãos, querida... Quase me queima... Mas a cera é produto de Portugal, vinda directamente de Braga, da Roma portuguesa...

JUSSARA - Não, não é isso não... é a forma dela... mas está qualquer coisa aqui a mais... a outra é mais escorreita...

antiga imagem a violência natural. Não me esqueço da festa da chegada a Baía da Guanabara nos idos de 1800, quando a esquadra foi recebida com uma salva de canhões e pelos fogos de artifício... Agora, o que ouvimos é a salva de tiro vindo em nossa direção dos morros que a circundam. Quem está de quatro, hoje, não é o domesticado e escravizado africano dos séculos passados, mas o ex-colonizador branco que tem que fazer de tudo para não quebrar diante da competição trazida pelos novos tempos da mundialização. Dói em meu peito saber que já não somos os preferidos, fomos preteridos por ingleses, franceses, americanos e, na atualidade, por coreanos e chineses, que alimentam os milhares de camelos nas ruas das capitais.

MENDES - É, caríssimo irmão, foi um erro ter levado de volta ao velho continente o Quinto Império, que com o passar dos anos foi para o quinto que o pariu! Seria melhor que por aqui tivessem ficado. Novos tempos seriam inaugurados e quem sabe, tivéssemos deixado de ser o gigante adormecido da letra do nosso hino nacional, para ser o Império da Nova Era. No entanto, só nos deixaram o despudor de não saber o que fomos e a dificuldade de definir o que somos. Então, a melhor coisa a fazer é se locupletar. Afinal, tanto lá como cá, estamos a se foder!

ISABEL e LEOPOLDINA, *encantadas uma com a outra.*

ISABEL - Então, colega, como estão as cousas no velho continente?

LEOPOLDINA - Querida, uma concorrência braba. Agora que não temos mais fronteiras, não se sabe mais quem é de quem. E nós, como pobres da nova corte, estamos a nos foder mais que as outras. Sem falar da concorrência das “travecas” brasileiras, que nos colocam no chinelo com sua sensualidade tropical.

ISABEL - Brasileiras, é?

LEOPOLDINA - É...

ISABEL - Lá em Portugal?

LEOPOLDINA - Pois.

ISABEL - Travecas?

LEOPOLDINA - Você não entende o que eu digo?

ISABEL - Aqui as cousas não são muito diferentes. O que se passa é que ainda preferem o produto importado. Ao produto nacional dão pouco valor. Só temos vez no Carnaval, quando os gringos para cá vêm. Mas como a oferta é sempre maior que a demanda, não ganhamos o suficiente e sempre estamos desvalorizadas.

LEOPOLDINA - O produto importado?

ISABEL - É preferido.

LEOPOLDINA - Gringos?

ISABEL - É.

LEOPOLDINA - Desvalorizadas, camarada!?

ISABEL - Você não entende o que eu digo? É uma infelicidade, mas que havemos de fazer?

LEOPOLDINA - Quando esse me contratou, fiz valer meus direitos de puta. Já está na hora de criarmos uma organização multinacional e estabelecermos reivindicações comuns e uma tabela de preços mínimos. Temos que recorrer a Organização Mundial do Trabalho e lutar para que se tirem os subsídios de nossas colegas americanas, francesas e polacas... e... ucrânias!

ISABEL - Você acha que eles vão nos ouvir? Nem podemos cogitar em fazer uma greve do sexo. A miséria mundial é tão grande que sempre haverá aquela disposta de tudo dar por um mísero prato de comida. É isso que nos torna frágeis. Antigamente isto era uma casa ilustre, onde vinha a fina flor! Agora...

LEOPOLDINA - Antigamente... Se eu pudesse fazer o tempo voltar para trás...

ISABEL - Voltar para trás? Que nada! Eu queria era fazê-lo avançar! Chega!
Não vamos desperdiçar esse encontro com mais choros e resmungos.

LEOPOLDINA - Sim, vamos rir na cara do destino, vamos beber, vamos cantar!

ISABEL - Somos putas, não somos? Então façamos uso da nossa profissão: o gozo.

(ISABEL e LEOPOLDINA cantam “Epígrafe para a Arte de Furtar”, poema de Jorge de Sena, música de Zeca Afonso:)

Roubam-me Deus
Outros o diabo
Quem cantarei

Roubam-me a Pátria
E a humanidade
Outros ma roubam
Quem cantarei

Sempre há quem roube
Quem eu deseje
E de mim mesmo
Todos me roubam

Quem cantarei
Quem cantarei
Roubam-me Deus
Outros o diabo
Quem cantarei

Roubam-me a Pátria
E a humanidade
Outros ma roubam

Quem cantarei

Roubam-me a voz
Quando me calo
Ou o silêncio mesmo se falo

Aqui d'El Rey.

Todos brindam.

MENDES E RAFAELA - À primeira vez!

JUSSARA E TRANCOSO - Ao primeiro amor!

ISABEL E LEOPOLDINA - Ao primeiro beijo!

MENDES E RAFAELA - Ao primeiro boquete!

JUSSARA E TRANCOSO - Às relações América Latina - Europa!

ISABEL E LEOPOLDINA - Às relações Brasil - Portugal!

MENDES E RAFAELA - Às felações internacionais!

TODOS - Ao quinto dos impérios!

BENTO - (*Saindo, enfurecido, do esconderijo.*) E o que me roubam deixando de fora dessa festa internacional, ninguém está interessado!? Vocês acham que por causa de meia dúzia de europeus podem me deixar de fora dessa celebração da promiscuidade transnacional? Não se esqueçam, nativos, que a inquisição hoje em dia tem novas faces. Não pensem que porque os tempos são outros vocês ficarão impunes diante dos grandes senhores. Então, acho bom me conseguirem um convite, mesmo que de última hora, para participar desse embalo de mais de quinhentos anos. Não esqueçam que a roleta já foi inventada, à nossa geração só cabe aperfeiçoá-la!

MENDES - Bento! Eu disse para você esperar!

BENTO - Você quer que eu lhe recorde o perdão da dívida que permite abrir esta espelunca todas as noites?

RAFAELA - Quem é esse? A cara não me é estranha...

ISABEL - Onde é que você se meteu, Bento?

LEOPOLDINA - Bento Teixeira, você está vivo!

BENTO - E bem vivo, agora que tenho nas mãos o mapa para o Eldorado! Todos estes anos à procura de uma pista, uma indicação nesta casa maldita, e agora de repente, estava bem à frente do meu nariz!

LEOPOLDINA - Com esse nariz não deve ter sido fácil, eu compreendo.

BENTO - Bem à minha frente, e agora é meu. Por isso, se querem chegar lá têm de contar comigo — e para já, em primeiro lugar, exijo um pedido de desculpas público por parte de todos!

TODOS - Desculpe!

BENTO - Enquanto vocês estavam conversando, entrei no túnel da Santa. Onde fui dar? A Eldorado! Não é um lago, não. É bem no meio do deserto... tal qual como Las Vegas! Tem que virar à esquerda, antes de entrar em Manaus, andar um pouco para sul, e bem no meio da Amazônia tem uma área desmatada a perder de vista, mais que suficiente para construir um país. Então eu entendi o meu sonho. Uma cidade na forma de casino. Quando ainda estava em Lisboa, a Santa disse-me num sonho para vir buscar um tesouro no bairro de Santa Cecília, bem perto do Minhocão. Nunca pude desconfiar que era aqui, na cave deste malafamado Galpão. Eu só vinha cá para me distrair com as meninas. Mas hoje eu vi. Vou ter um império! Vou ser imperador! Quem quiser que se junte a mim!

JUSSARA - Volte cá, seu Trancoso, estava ficando tão bom!

TRANCOSO - Bento Teixeira, eu o intimo a fornecer esse mapa imediatamente!

BENTO - Todos esses anos... Nunca! Você sabe com quem está falando? Eu sou o único descendente vivo do imperador dos brasis, e pretendente legítimo ao trono de Portugal...

TRANCOSO - Ah sim, desde quando?

BENTO - (*Chorando como uma criança.*) Desde o desaparecimento de meu meio-irmão, a quem prestei votos de fidelidade, de quem fui afastado com o conluio da maldita Igreja e dos cruéis Republicanos, e cuja morte jurei vingar!

TRANCOSO - (*Comovido.*) Legítimo?

BENTO - Sim... e a quem duvidar, posso mostrar meu sinal de família!

JUSSARA - Não, não faça isso, Bento – tem crianças na assistência!!

TRANCOSO - Não precisa mais – eu reconheço sua honra. Pois cumpra seus votos agora, Bento Teixeira, meu irmão!

BENTO - (*Ajoelhando-se.*) El-Rey D. João!

TRANCOSO, *aliás* EL-REY - Sim, eu mesmo. Ouçam todos — nós estamos aqui para dar início ao último império, terminando essas repúblicas decadentes que foderam Portugal e o Brasil, e fazer do Eldorado marca registrada para os turistas estrangeiros.

MENDES - Bento não é judeu?

RAFAELA - Este não é o Abade de Trancoso?

MENDES - Ninguém aqui é o que parece ser?

RAFAELA - Então onde está o Abade?

EL-REY - Não faça tantas questões a El-Rey, miserável utopista! (*Pausa.*)
Nós o nomeamos nosso aio e valido, para que se cale um pouco. Você cansa os reais ouvidos com tanta conversa fiada. Agora, calado! E é se quer ganhar um título quando nós o dispensarmos. Bento, você será nosso guia.

BENTO - Finalmente serei Regente!

EL-REY - Isso veremos depois. Isabel, agora marquesa do Douro e de Copacabana, tratará do catering. Mendes, você fica responsável por registrar todos os nossos passos. Será nosso cronista-mor, e Barão de Tocantins e Matosinhos. Leopoldina, condessa dos Algarves, do Grão-Pará, do Paraná e do Ceará, cuidará das finanças. Precisamos de um ministro da guerra... Mas nós encontramos alguém no caminho. Jussara, por favor, descubra essa gazua e vá ter connosco ao quarto. Você será Duquesa de... depois logo se vê. As meninas farão parte do nosso real gabinete de leitura. Levaremos essa cultura secular para circular por esse imenso país. Vamos seguir a pista da Santa! Para a cave!

TODOS Não é p'ra quem quer,
 É para quem pode.
 Quem pode, manda.
 Quem manda, fode.

Se El-Rey quer...
El-Rey pode.

Fode quem quer? Não!
Fode quem manda.
Homem, mulher,
Fode quaisquer.

Aqui d' El Rei!
Salve-se quem puder!

EL-REY - Esperem! Precisamos também de súbditos, para alimentar a tropa macaca do nosso exército de croupiers, porteiros, empregada, segurança,

De Paris a Nova Iorque
temos que desqualizar!
E pra isso não há melhor que
os jogos de sorte e azar!!

JUSSARA A Jogatina vai se instalar
Por isso contente estamos
A vida levamos assim
Que o mundo alegre é para nós.
Que importa que a moral,
Não sei porque me queira mal?
Hei de cantar e rir,
Não hei de nunca me afligir
Leviana posso ser, talvez, porém
Filósofa também.
Quem se prostrar
No nosso altar
Será rico e se dará bem!

CORO É descarada a tal menina
Lições não há quem mais lhe dê!
O bingo as casas ilumina
Mas sempre cobra
O que lhes sobra...

EL-REY - Quem são essas personagens que fazem a fama do novo Bingo Nacional!?

RAFAELA “Este é a famosa Víspera
Já foi bem recebido
Dentro do lar doméstico
Com toda a distinção...

CORO Mas, afinal, o pícaro
Deu em andar metido
Por espeluncas sórdidas

pode isto dar certo, senão numa sociedade que se esfacela? E para melhorar teremos nossos representantes em terras de além mar, onde fixarão as matrizes para fugirem dos perigos que se tem em terras de ninguém. Isso é o que mais nos convém. Manter o pé em duas barcas, sem se ater a ninguém. E em nossas mulheres, taças milagrosas, fecundaremos uma nova raça, que fará jus as novas conquistas...

Serei nada menos que um rei
Serei nada menos que um monarca
Eu sou aqui um rei de copas,
E sou também um rei de paus!²

LEOPOLDINA - D. João, não voltaremos para Portugal? Vamos viver nesta terra de negros, onde a civilização não passa de uma promessa?

EL-REY - Leopoldina... parece não haver entendido o objetivo de nossa viagem. Com a nossa vinda um novo tempo se inaugura. Eldorado finalmente foi descoberto e as oportunidades se multiplicam.

LEOPOLD. E o que será de mim nessa terra?
Como suportarei esse calor tropical,
essa lascívia nacional?

JUSSARA Se está tão descontente
volte para o velho continente.

BENTO E o que me reserva esse novo Império?
Não esqueçam
fui eu que lhes mostrei o mapa de Eldorado.

EL-REY Ah! Querido Bento, poderá ser um corretor,
um inspetor, ter um cargo promissor
na nova burocracia, escolha
o que melhor lhe aprouver...

BENTO Espere aí, mano! Desculpe: El-Rey...
Creio que está a ignorar a minha pessoa...

² Parodiando Artur Azevedo, "O Bilontra", Ed. FUNARTE, 1985, p. 489.

Minha tribo sou eu

Ai ai ai ai ai
Iê iê iê iê iê
Pobre de quem não é cacique
Nem nunca vai ser pajé

MENDES - Esperem, Isabel vem vindo!

(ISABEL, surge debaixo de um foco, cantando “Vou dar de beber à dor”, de Amália Rodrigues.)

ISABEL Foi no domingo passado que passei
 À casa onde viveu a Mariquinhas
 Mas está tudo tão mudado
 Que não vi em nenhum lado
 As tais janelas que tinham tabuinhas
 Do rés-do-chão ao telhado
 Não vi nada nada nada
 Que pudesse recordar-me as Mariquinhas
 E há um vidro quebrado e isolado
 Onde havia as tabuinhas

EL-REY - Isabel, mas que surpresa!

LEOPOLDINA - Que surpresa, não, que milagre!

RAFAELA - Não posso crer que tenha sobrevivido a tamanha queda e a correnteza das águas.

JUSSARA - Todos pensámos que estava morta.

ISABEL Entrei e onde era a sala agora está
 À secretária um sujeito que é lingrinhas
 E não há colchas com barra
 Nem viola nem guitarra
 Nem espreitadelas furtivas das vizinhas

MENDES - *(Para Isabel.)* Isabel, que bom que voltou! Na sua ausência senti-me traído, apunhalado pelas costas...

BENTO - Menos, Mendes, menos... Afinal, você só pensou em livrar o fundo das suas costas... O fato, Isabel é que a patuléia nacional mais uma vez se vendeu e foi passada para trás. Mas quero dizer que tens um mim um aliado e um guerreiro pronto para combater as injustiças...

ISABEL - Menos, Bento, menos... Afinal, se é um aliado tão pronto a me defender porque não pulou no rio para me salvar? Mas julgo que me fizeram um bem ao deixar com que boiasse rio abaixo. Encontrei-me com meu ser interior mais profundo e, graças às lendárias Amazonas, fui salva. Reencontrei o motivo da minha vida. Sinto-me uma verdadeira herdeira das grandes mulheres libertadoras desse continente latino que me sucederam e pereceram na luta para castrar o falo do poder patriarcal que nos emporcalha há anos. Voltei para redimir as mulheres exploradas de todo o mundo. Voltei pra refundar o Cabaré da Santa e restaurar os nossos direitos... Afinal, a mulher é a única verdade histórica, e seu ventre é uma taça milagrosa!

EL-REY - Você está passando bem, Isabel?

RAFAELA - Ela deve estar com insolação...

JUSSARA - Deve ser o efeito do tacacá amazonense!

BENTO - Está sobre o feitiço das águas da fonte de Eldorado. É um estado passageiro. Quem sempre foi cortês não vira, de uma hora para outra, uma extremista revolucionária...

JUSSARA - Ela já tinha estes laivos de má consciência sempre que bebia. E viram que ela entrou a cantar Vou dar de beber à dor...

ISABEL - Nada disso, curei a minha dependência do álcool.

MENDES - Como?

JUSSARA - É mesmo?

ISABEL - Fiz todos os passos das AAA.

MENDES - Das quê?

ISABEL - As Alcoólicas Anónimas da Amazônia. Estou curada e não só deixei de ver a dobrar como vejo tudo mais nítido.

RAFAELA - Como conselheira, aconselho a que ofereça à formosa dama algum cargo ou encomenda que demonstre o seu reconhecimento pelos anos de serviço prestado...

LEOPOLDINA - Faça de mim segundo sua vontade. Como um Dom Sebastião, de saias, você retornou para restaurar a dignidade de nós mulheres. Agora pode ser fundado o Sexto Império, sob a nossa égide... O Brasil será das mulheres!

MENDES - O camarada Marx pode ter errado em muita coisa, mas numa ele foi mestre, fez um gol de placa – a ligação que fez entre a economia e a história. Parece uma piada grotesca o fato dos jesuítas, que aqui aportaram, terem traduzido os Dez mandamentos para o Tupi. Soa a uma bufonaria de mau gosto a insistência de querer incutir no índio nu, polígamo e ocioso o respeito à mulher do próximo e a guarda do domingo para o descanso. Como você, D. João, instituíram na selva matriarcal o trabalho escravo, a divisão da sociedade em classes. Essa é a sua hybris, Trancoso...

JUSSARA - Mendes, que é isso, você está recebendo algum santo? Que carregue bravo, colega! Sai pra lá, encosto...

Mendes desmaia.

ISABEL - Estou tomando posse de minhas propriedades. Estou inaugurando o Cabaré da Liberdade dentro de novos padrões. Aqui vigorará a democracia, sem liberalidade. Instituo algumas regras básicas e uma delas é que, a partir de hoje, volto a assumir as minhas obrigações de guardiã das Meninas e do nosso secular ofício. Liberto-as do julgo dos

perversos e entrego-lhes o livre-arbítrio de decidirem por si o que dão, a quem dão e por quanto dão... O livre comércio se faz necessário nestes tempos de internacionalização...

LEOPOLDINA - Não sabes o bem que estás a fazer, com tuas decisões, a esse corpinho tão castigado, nos últimos tempos!

JUSSARA - El-Rey, o que será de mim? O que será de nós?

EL-REY - Orgulhosamente sós, continuaremos. Vamos candidatar-nos a um lugar no parlamento.

ISABEL - Eu lamento, caros espectadores, que tenham vindo aqui ao engano, para assistir ao show de cabaré anunciado pelo Mendes mas, vendo bem as coisas, descobrimos uma coisa melhor quando já estávamos a meio do caminho. Pois que acabe a missão Eldorado para eles, mas não sem antes percebermos que o Eldorado está aqui. Nós somos o Eldorado, ele não está noutra lugar. Até porque está mesmo na cave. Se nós dobrarmos o tempo ao meio, que data se vai alinhar com a origem dos tempos? Não sei como vamos financiar isto sem o dinheiro das comemorações luso-brasileiras, mas também porra, é hora de parar de comemorar e passar a fazer algo que outros possam comemorar daqui a cem, duzentos, ou quinhentos anos.

MENDES - (*Acordando.*) Bem-vindos ao Cabaré da Liberdade! Hoje assistirão...

ISABEL - (*Interrompendo.*) Mendes! Hoje não vamos mais contar a história ou estória de ninguém. Vamos fazer a nossa história.

MENDES - Como assim?

ISABEL - Metendo mãos à obra. Vamos tomar posse do país.

MENDES - Mas a fingir?

JUSSARA - A fingir que é a sério?

ISABEL - Não, tomando posse a sério.

MENDES - Mas... como tomando posse? Não se pode, eu não posso, pegar no país e pô-lo debaixo do braço.

ISABEL - Mas não é disso que se trata... Tomamos posse aqui e agora da nossa parte, da nossa responsabilidade. Toda a gente tem um documento de identidade? Pode ser cartão de sócio de clube de futebol, vale na mesma, porque isto anda tudo ligado. Peguem nele, ou ponham a mão nele. Como se fosse a vossa bandeira pessoal, que é, mas também é o emblema da aldeia. Então é só jurar sobre ele. Este país é meu, eu sou deste país... quem diz país diz casa, diz cidade. Se isto é meu e eu sou disto, tenho de cuidar dele. Se eu tivesse o eldorado ou a galinha dos ovos de ouro, não ia matá-la para fazer arroz de cabidela, ou ia? E não vale a pena adiar, temos de tomar posse o mais rápido possível e por as coisas a acontecer. Vamos beber! Meninas: tenho versos novos, para a reinauguração do Cabaré!

ISABEL - (*"A Casa da Mariquinhas", de Alfredo Marceneiro*)

É numa rua bizarra
A casa da Mariquinhas
Tem na sala uma guitarra
E janelas com tabuinhas

Vive com muitas amigas
Aquela de quem vos falo
E não há maior regalo
Que a vida de raparigas
É doida pelas cantigas
Como no campo a cigarra
Canta o fado à guitarra
De comovida até chora
A casa alegre onde mora
É numa rua bizarra

Para se tornar notada
Usa coisas esquisitas
Muitas rendas, muitas fitas

Lenços de cor variada.
Pretendida, desejada
Altiva como as rainhas
Ri das muitas, coitadinhas
Que a censurem rudemente
Por verem cheia de gente
A casa da Mariquinhas

É de aparência singela
Mas muito mal mobilada
E no fundo não vale nada
O tudo da casa dela
No vão de cada janela
Sobre coluna, uma jarra
Colchas de chita com barra
Quadros de gosto magano
Em vez de ter um piano
Tem na sala uma guitarra.

Um cofre-forte comprou
E como o gás acabou
Ilumina-se a petróleo.
Limpa as mobílias com óleo
De amêndoas doces e mesquinhas
Passam defronte as vizinhas
Pra ver o que lá se passa
Mas ela tem por pirraça
Janelas com tabuinhas.

É numa rua bizarra
A casa da Mariquinhas
Tem na sala uma guitarra
E janelas com tabuinhas

MENDES - Aqui me despeço. Nada mais temos em comum. Vou continuar meu caminho rumo ao show biz da América do Norte, cansei do realismo do terceiro mundo. Prefiro a espetacularidade do norte! (*Canta "Fiz Leilão*

de Mim".)

Talvez de razão perdida
Quis fazer leilão da vida
Disse ao leiloeiro
Venda ao desbarato
Venda o lote inteiro
Que ando de mim farto
Meus versos que não são versos
Atirei ao chão dispersos
A ver se algum dia
O mundo pateta
Por analogia
Diz que sou poeta

Refrão:

Fiz leilão de mim
E fui por fim apregoadado
Mas de mau que sou
Ninguém gritou arrematado
Fiz leilão de mim
Tinhas razão minha almofada
Com lances a esmo
Provei a mim mesmo
Que não valho mais que nada

Também quis vender meu fado
Meu modo de ser errado
Leiloei ternura
Chamaram-me louco
Mostrei amargura
E o mundo fez pouco
Depois leiloei carinho
E em praça fiquei sozinho
Diz-me a pouca sorte
Que para castigo
Até vir a morte
Vou ficar comigo.

ISABEL - Mendes, Mendes, não se iluda, a nós, personagens perdidos dessa história, sempre caberá a parte podre da fruta. Mas não se esqueça, aqui ainda podemos ser...

ISABEL - (*Canta “Novos Rumos” de Rocinha e Orlando Porto.*)

Vou imprimir novos rumos
Ao barco agitado
Que foi minha vida
Fiz minhas velas ao mar
Disse adeus sem chorar
E estou de partida
Todos os anos vividos
São portos perdidos
Que eu deixo pra trás
Quero viver diferente
Que a sorte da gente
É a gente que faz.⁴

Entra a SANTA.

SANTA - Então é aqui o antigo Cabaré da Santa?

RAFAELA - Agora sim, é a Morte...

ISABEL - O novo Cabaré, sob nova direcção. O que deseja?

SANTA - Procuo por um homem de nome Trancoso. Conhecem?

Todos se calam.

SANTA - Há uma mensagem para ele, mas só posso entregá-la pessoalmente.

EL-REY - Aqui está quem procuras! Do que se trata!?

⁴ Esta música está gravada por Paulinho da Viola, no CD «Paulinho da Viola».

MENDES - Nada disso, o verdadeiro Trancoso sou eu!

RAFAELA - Pai!

MENDES - Filha!

RAFAELA - Por isso resistias aos meus avanços.

MENDES - Sim, filha, isto não é tragédia grega, não tem espaço para incestos.

RAFAELA - Mas porque não davas para Isabel?

MENDES - Para preservar a minha identidade. Quando ela visse meu bacamarte... não me ia deixar descansar. Dizem que tenho pau doce...

RAFAELA - Ai, pai!

JUSSARA - Se era doce, amargou!

MENDES - E para me ocultar de todos os meus filhos e filhas. Já pensou se todos viessem reclamar sustento?...

SANTA - Tive de mandar alguém com o teu nome para te fazer sair da toca! (*Para Mendes.*) Preciso que retorne a Portugal, para repovoar aquela nação. Estamos precisando de pau, e nada melhor que pau-Brasil. Mas agora tem de parar mesmo: já tem brasileiro a mais. De volta para Portugal!

ISABEL - Mas ele não consegue mais pôr-se em pé!

SANTA - Isso é verdade?

MENDES - Eu... (*Pausa.*) É!

SANTA - Essa raça de portugueses está degenerada! Todos me enganaram. Francisco da Costa, que eu trouxe para fundar São Paulo, se escondeu num cabaré, sonhando em descobrir a identidade... Bento Teixeira, enviado

logo que perdi a pista desse safado, seguiu outros cursos: agiotagem e lenocínio de luva branca. E ainda leu o mapa ao contrário! Imbecil... Rafaela, filha do marinheiro português da ilha de Utopia, não passa de uma oportunista... E tu, D. João, querias aprontar um império do jogo! Os teus planos de casino iriam por água abaixo, mesmo. A fonte de liquidez que procuravas, a lavagem de dinheiro, o estelionato, a corrupção, já está tomada no Brasil... Estes mesmos terrenos em que pensavam fundar o império já têm proprietários. E talvez sejam de tua família, mas duvido que te reconheçam. Agora entendo, tinham todos uma grande falta de carácter! Só Isabel compreendeu o caminho. Por isso, o Brasil, a partir de agora, será feminino! Terras de Vera Cruz. Mariquinhas, eu te nomeio a cabaretière deste lugar, e Santa no lugar da Santa.

ISABEL - Eu? Mas... Quem será nossa padroeira?

SANTA - Madroeira, a partir de agora, madroeira! Tu mesma. A Santa Mariquinhas!... E tu ficarás encarregue de expedir brasileiros para povoar Portugal. Vocês os quatro, dêem prova de vossos talentos e providenciem as viagens, os vistos, os empregos e, sobretudo, lugar onde eles se possam reproduzir, de preferência cruzando com os nativos. A ver se mestiçamos o sangue lusitano. Eu estou farta.

ISABEL - E tu?

SANTA - Eu vou finalmente poder partir em tournée com a nossa banda. (*Pausa.*) Faço parte de uma girlsband com as minhas primas Fátima, Nazaré, Aparecida e Copacabana. O grupo chama-se Todas-as-Santas. Vamos começar a Milagres tour pelos países da África lusófona. Temos o patrocínio da Fruit de la Passion.

CORO - Voulez coucher avec moi?... ce soir! (*Saem.*)

JUSSARA - É isso o pós-colonialismo...

BENTO - É, isso é, nós é que vamos colonizar Portugal!

JUSSARA - Não disse?...

LEOPOLDINA - Espere aí! Eu não quero colonizar ninguém. Muito menos a terra da minha mãezinha, que está lá em cima no céu, coitadinha, Deus a tenha em paz...

BENTO - Não? Você acha?... Bom, nesse caso... Foi só uma ideia...

RAFAELA - Não, ele está certo. Já pensou em tudo o que poderíamos levar para lá: show musical, artesanato, novela, concurso...

MENDES - A cultura do Brasil!

BENTO - Culto evangélico!

EL-REY - Futebolista!

MENDES - Actor, director, músico...

BENTO - Manicure, esteticista, garçom, balconista, prostituta, operário... Nisso as nossas marcas são fortes! Temos identidade de mercado!

RAFAELA - Podemos construir algo novo!

EL-REY - Portugal será baptizado Portugangababá!

MENDES - Vocês só pensam em coisas materiais. Temos de levar a liberdade daqui, o jeito brasileiro de ser...

LEOPOLDINA - Mas... e a liberdade mesmo? Porque isso é só liberdade de costumes.

ISABEL - Mal a gente tenha, manda para lá.

BENTO - Avião, soja, carne, computador.

RAFAELA - É embarcar!

MENDES - Você fica, Isabel?

ISABEL - Fico sim...

Aqui não tem terramoto
Aqui não tem revolução
É um país abençoado
Onde todo mundo põe a mão...

RAFAELA - Venha, Jussara! Não tenha medo!

MENDES Adeus, Brasil,
olá, Portugal!

EL-REY Feito por mim,
O visto é legal.

MENDES (Só não tem visto
pra Roberto Leal!
Sua nefasta
carreira musical
tem destruído a
imagem nacional.

JUSSARA Adeus, Brasil,
olá, Portugal...

BENTO Sendo eu o guia
não vai se dar mal

RAFAELA Já está tratada a
questão laboral

MENDES Falta marcar
a hora do bacanal.

TODOS Adeus, Brasil,
olá, Portugal!

Partem em viagem.

À chegada:

LEOPOLD. Anjos da igreja de São Francisco
Dai vossas bênçãos aos meus filhinhos
que hão-de nascer tão perfeitos
quanto vós, nossos ricos anjinhos,
cujo sexo foi esculpido por índios,
sem mais discussão dos bizantinos.
E semeai em nós os primeiros
homens afro-luso-brasileiros.

ISABEL De Santos vejo agora
Todo o vale do ouro
As vinhas, as latadas,
São meu ancoradouro

Por Anhangabaú
O lago de Eldorado
Inunda por completo
As salinas do Sado

JUSSARA Nas ruas de Lisboa
O jacarandá em flor
Recorda minha casa
Em São Salvador

Perco-me no Sertão
Em pleno Alentejo
Voando no dorso
De um touro bravo

MENDES Na montado, as palmeiras
Na lezíria, o cafezal
Pinga de cana nas pipas
Cachaça meridional

- EL-REY Na Brasileira do Chiado,
A estátua de Pessoa
Pede um café ao empregado.
Será que estou num sonho?
E aguardente de medronho,
Lembra-se o bronzeado.
Só tem de cana, senhor,
Responde o empregado.
E a maneira como entoa,
A pronúncia que ressoa,
Tem que ser de Salvador.
- RAFAELA Mais um emigrante baiano
que está bem emigrado.
Siga o nosso o plano
Como ficou combinado.
- BENTO Na boutique pronto-a-vestir
Com sorriso que convence
Vende biquínis do Brasil
Uma garota cearense.
- Namora um rapaz de Minas
Que trabalha na construção.
Querem ter três meninas
Dois rapazes e um cão.
- RAFAELA Nada de contraceptivos
orais, profiláticos ou mecânicos.
Devem ficar activos.
Não perder tempo com sexo tântrico.
- EL-REY Este domingo à tardinha
Tem jogo de futebol
Vou lá contar quantos é que
em vez de golo gritam gol

LEOPOLD. Eu irei à assembleia
Contar os «Jesus me ama»
Quando começar o Faustão
Por favor me chama.

RAFAELA Hoje tem show musical
Da Mercury e da Sangal
Na torre de Belém.
Você não vem?

LEOPOLD. Não quero perder a novela.
Aquela da favela.

RAFAELA Já são mais de cem!
Não há mais ninguém?

EL-REY A linda manicure,
A quem uma noite,
Num assomo de loucura
Roubei um boquete.

BENTO Fomos reencontrar
Num apê alugado
Com mais cinco garotas
A um preço bem barato

RAFAELA E você, Mendes, nada?
A Santa vai ficar danada.

MENDES Eu vi aqui bem perto
Na praça do Rossio
Dois brasileiros sem tecto.

E acabei a madrugada
Cantando pros mendigos
Uma velha toada:

E as minhas mãos o golpe duro e presto
De tal maneira que, depois de feito,
Desencontrado, eu mesmo me contesto.

Se trago as mãos distantes do meu peito,
É que há distância entre intenção e gesto.
E, se o meu coração nas mãos estreito,
Me assombra a súbita impressão de incesto.

Quando me encontro no calor da luta
Ostento a aguda empunhadura à proa,
Mas o meu peito se desabotoa.

E, se a sentença se anuncia, bruta,
Mais que depressa a mão cega executa
Pois que senão o coração perdoa.

Guitarras e sanfonas
Jasmins, coqueiros, fontes
Sardinhas, mandioca
Num suave azulejo.

E o rio Amazonas
Que corre Trás-os-Montes
E, numa pororoca,
Desagua no Tejo

TODOS *Ai, esta terra ainda vai rever o seu perfil,
Ainda vai tornar-se uma parte do Brasil.*

*Ai, esta terra ainda vai rever o seu perfil,
Ainda vai constar no mapa do Brasil.*

*Ai, esta terra ainda vai rever o seu perfil,
Ainda vai tornar-se... o vigésimo oitavo estado do Brasil!*

FIM

Recebido em 2 de novembro de 2020
Aprovado em 8 de dezembro de 2020

Licença: 

Reinaldo Maia

Dramaturgo. Graduado em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Fundador do grupo Folias D'Arte e fundador do Movimento Arte Contra a Barbárie. Falecido em 17 de abril de 2009. A publicação do texto foi gentilmente autorizada por sua viúva, Giselda Fernanda Pereira.

Jorge Loureiro Figueira

Dramaturgo. Doutorando em Estudos Artísticos na Universidade de Coimbra com bolsa da FCT, dramaturgo residente do Teatrão (Coimbra, Portugal), docente da Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (Porto, Portugal) e crítico de teatro do jornal *Público*.

Contato: jorgelouraco@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-7899-7555>

Helderson Mariani Pires

Em artes, Helder Mariani. Doutor e mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Especialista em Psicodrama pelo Instituto Bauruense de Psicodrama (IBAP). Bacharel em Direito pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP).

Contato: heldermariani@terra.com.br